

## **D'AS BRUMAS DE AVALON, SURGE MARION ZIMMER BRADLEY: A ESCRITORA QUE RECONFIGUROU A LENDA ARTURIANA**

### **FROM THE MISTS OF AVALON COMES MARION ZIMMER BRADLEY: THE WRITER WHO RECONFIGURED THE ARTHURIAN LEGEND**

Santa Paixão Ribeiro de Sousa<sup>1</sup>

Nossa fomenageada tem, para nós, uma importância singular: sua obra mais laureada – *As Brumas de Avalon* (1979) – tem sido a base sobre a qual vimos pesquisado cientificamente desde a graduação. Foi sobre ela o Trabalho de Conclusão de Curso/TCC (2022) da licenciatura que cursamos em Letras Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Ceará (Uece) e é sobre essa autora e sua obra-prima que têm sido vários de nossos trabalhos acadêmicos desde então (a maioria deles concebidos em parcerias formadas dentro do Grupo de Estudos Filhas de Avalon) na forma de artigos, capítulos de livros e comunicações orais (com as publicações nos anais desses eventos). Para honrar a memória dessa escritora pioneira e agradecer-lá por ser uma inspiração indiscutível para nós, tecemos estas linhas sobre ela, à guisa de panegírico.

**MARION ELEANOR ZIMMER BRADLEY**, nascida em Albany, Nova Iorque, em 3 de junho de 1930, foi uma leitora voraz desde a infância. Assim, desenvolveu o gosto também pela escrita muito precocemente. Quando completou 16 anos de idade, ganhou de sua mãe uma máquina de escrever e, a partir de então, começou a concepção de seus férteis textos literários. Após casar-se com Robert Alden Bradley, dedicou-se às atividades domésticas e a cuidar do filho que tiveram juntos, David, que veio a falecer em 2008 – quase 20 anos depois dela. Até então, ela era como muitas outras de suas congêneres: uma esposa, dona de casa e mãe, mas também uma escritora em potencial que ainda não havia tido a grande chance de mostrar o seu talento ao público leitor e aos críticos. Aproximava-se a segunda onda do feminismo nos Estados Unidos e, com ela, a oportunidade para Marion crescer ainda mais como pessoa e fulgurar mundialmente como literata.

Aos poucos, ela foi se inserindo no universo literário estadunidense daquele momento específico, fervilhante de novas criações artísticas, lidando textualmente com temas considerados tabus (bissexualidade, homossexualismo, empoderamento feminino e incesto). Para evitar constrangimentos devido ao seu fazer narrativo com pecha de maldito, Bradley preliminarmente utilizou-se de pseudônimos e continuou criando histórias onde misturava, em seu caldeirão literário, esses assuntos delicados com a sua afinidade com a wicca.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística Aplicada no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (Uece), com bolsa de estudos concedida pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap). *E-mail*: [santa.sousa@aluno.uece.br](mailto:santa.sousa@aluno.uece.br)

Em 1964, ela se separou, mas manteve o sobrenome com o qual assinava suas obras. Nesse mesmo ano, graduou-se pela Universidade de Hardin-Simmons, no Texas, e, em seguida, em 1967, fez uma pós-graduação na Universidade da Califórnia. Marion, que desde a juventude demonstrava um profundo interesse pelas sagas medievais, interessou-se em escrever sobre a lenda arturiana, ao passo que também se enveredou pelas artes e estudou Música, além de Metafísica – que seria, essa última, essencial para a sua concepção de mundo e estilo literário.

Seu segundo marido chamava-se Walter Henry Breen e tiveram dois filhos: Moira e Mark Greyland. Mais uma vez em sua vida, ela se dividiria entre a vida doméstica e a escrita literária. É importante salientar que Breen compartilhava com Bradley do mesmo fascínio pelo Medieval, além de dividir saberes com ela sobre Astrologia e Ocultismo, tão em voga em Los Angeles nos anos 1960s. Lisérgicos e criativos, libertários e inovadores – assim eram Marion e Walter e o seu círculo de amizade. Morando na Califórnia em uma época na qual a contracultura era a tônica, indo contra o Sistema, a escritora permitiu-se vivenciar sua sexualidade como queria, sendo bissexual assumida e mantendo um casamento heterodoxo com esse segundo marido, que também era bissexual.

Com o apoio e incentivo dele e seguindo sua intuição e vocação inatas, ela entregou-se à Literatura e à wicca de maneira plena. Em termos históricos, Marion viveu em um período e em um lugar importantes para o movimento feminista: a segunda onda, na Costa Oeste estadunidense dos anos 1960s, quando a pauta de demandas nas lutas sociais daquele momento para o Ocidente incluía a luta pelos direitos civis e a luta das mulheres por igualdade de gênero. Cada vez mais entusiasmada pelas bandeiras que empunhava, Bradley passou a trabalhar com sua cunhada, Diana L. Paxson, uma famosa bruxa. Ambas eram sacerdotisas da Deusa e, ato seguido, fundaram o seu próprio *coven*. Suas vivências pagãs serviram de inspiração para a criação de *As Brumas de Avalon*, contando com Paxson ao final do processo. O reconhecimento de críticos e público leitor foi imediato. Lançado em Nova Iorque, em 1979, esse livro chegou para nós como uma tetralogia no ano de 1982. Os quatro volumes em questão são, senão vejamos: *A Senhora da Magia*, *A Grande Rainha*, *O Gamo-Rei* e *O Prisioneiro no Carvalho*.

O encanto da autora pela lenda arturiana faz-se notar nessa sua obra que abriu um precedente incontornável na forma como essa lenda misógina, cristã e pecado cêntrica passaria a ser recontada dali em diante: a partir do ponto de vista das personagens que até aquele ponto haviam sido subestimadas na trama: as mulheres pagãs – como Morgana, que havia saído da condição de fada, no século XII, para a de bruxa, durante os oito séculos seguintes, até que Bradley a resgatou do ostracismo ao qual fora jogada pela misoginia de escritores que reescreveram a lenda nesse intervalo, e trouxe-a de volta ao protagonismo do enredo juntamente

com o Rei Arthur, seu meio-irmão. Marion transferiu para essa personagem controversa muito de sua *persona* e do contexto no qual vivia: sexualmente liberado e artisticamente fecundo.

Assim, as personagens arturianas femininas, com Bradley, tiveram suas trajetórias completamente transformadas. Ela descreve, nessa utopia feminista, uma ilha mágica habitada por mulheres pagãs e espiritualmente elevadas, que prescindem da figura masculina e, sem amarras, podem estudar, esmerilhar suas potencialidades espirituais e usufruir de sua liberdade. As cristãs, insípidas e traiçoeiras, vivem em Camelot, onde são subjugadas e infelizes. Ademais, Bradley, ainda que usando de licença poética e anacronismos pontuais, ancora essa sua obra na cultura celta, na qual as mulheres eram livres e muitas delas guerreavam junto a seus pares masculinos, com algumas se destacando no campo de batalha – como é o caso de Boudicca/Boadicea, a rainha dos icenos, que enfrentou o exército romano entre os anos 60 e 61 d. C./da Era Comum. Em meio a essas mulheres valorosas, Marion inseriu a sua protagonista, que na Ilha de Avalon, estava se preparando para ser uma Alta Sacerdotisa da Deusa.

A Morgana bradleyana é humanizada, sexualmente livre, com potencial para a plenitude, mas tem sua caminhada redesenhada e amarga um final inglório. Mesmo assim, reiteramos: Bradley foi vanguardista: em uma lenda onde as mulheres sempre foram desimportantes, mesmo as cristãs, a escritora ousou inverter a ordem de importância em favor das mulheres pagãs – como Morgana e as habitantes de Avalon – e o conseguiu! Some-se a isso o fato de ela haver concebido um Arthur emocionalmente frágil e apaixonado por seu primo Lancelot – sendo por este correspondido e, atenção ao detalhe: sem culpa! Nunca mais se releu a saga do Rei Arthur e dos Cavaleiros da Távola Redonda como se havia feito até 1979!

Duas décadas depois, Marion, que já tinha uma saúde bastante fragilizada, adoeceu gravemente e passou a apresentar um quadro cardiopático preocupante. Após algumas complicações, das quais saía cada vez mais enfraquecida, ela faleceu aos 69 anos, após sofrer um infarto irreversível em Berkeley (Califórnia) no dia 25 de setembro de 1999.

Em face de sua grandeza, as palavras são limitadas para expressar, neste panegírico e em apenas três páginas, a gratidão indelével que sentimos pela irrepetível **MARION ZIMMER BRADLEY**, pela obra **AS BRUMAS DE AVALON** e por tudo o que essa beletrista e seu legado literário significam não somente para nós, mas para todas as pessoas influenciadas pelo poder de **Morgana, Morgana das Fadas, Morgana de Avalon**.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional